

Nota de Abertura

Neste número da revista *Anais de História de Além-Mar*, temos o gosto de apresentar um dossier sobre religião e alteridade no mundo ibérico que foi dirigido por Bruno Feitler, Hugo Ribeiro da Silva e Jaime Teixeira Gouveia. No âmbito do projecto estratégico do CHAM dedicado às fronteiras, o estudo das transformações sociais e religiosas provocadas pela dispersão dos europeus pelo mundo enriquece sobremaneira o trabalho que temos vindo a desenvolver através dos diferentes grupos de investigação e linhas temáticas.

A qualidade dos textos será avaliada por cada leitor, mas o conjunto que agora se torna público encerra em si uma mais-valia historiográfica que nos honra, primeiro pelo número de colegas que desejaram participar e depois pela selecção cuidada das propostas que foi feita pelos coordenadores do dossier. Ao longo de doze textos percorremos todo o mundo ultramarino, desde o extremo oriente asiático até à floresta africana, ou desde vale do rio da Prata até ao tecto do mundo, abordamos diferentes cronologias desde o século XVI ao XVIII, e temas diversificados, desde a arquitectura às práticas de quotidiano ou desde os intercâmbios culturais às sombras da Inquisição. Em todos revisitamos essa linha ténue que é a fronteira, seja qual for a sua manifestação, possibilitando-nos novas percepções deste processo complexo que foi a propagação do Cristianismo pelo mundo na época moderna.

O volume é completado por mais três colaborações todas relacionadas com a centúria setecentista, a cujos autores agradeço também o seu trabalho.

O leitor tem nas mãos um número volumoso, fruto do muito interesse que a revista desperta junto do meio académico, mas, em princípio, o próximo número terá menos páginas. Se estas mais de quinhentas páginas são um motivo de orgulho, são também uma grande dor de cabeça que não é fácil de resolver. Os procedimentos administrativos que nos são impostos pela tutela, nomeadamente o modelo de financiamento da Ciência

conjugado com as regras e execução dos dinheiros públicos tornam este projecto, muitas vezes um quebra-cabeças que torna muito difícil manter a periodicidade da sua publicação. Voltando a volumes com cerca de trezentas páginas no futuro, regressaremos a uma dimensão que já foi a nossa e poderemos agilizar o processo de produção. Foi precisamente por não querermos atrasar mais esta grande produção que ainda não usamos integralmente neste número o sistema Autor-Data do Chicago Manual of Style, cuja aplicação será normalizada no número seguinte.

João Paulo Oliveira e Costa